

PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA EM DANÇA:

entre saberes e modos de fazer

Mônica Corrêa de Borba Barboza
Eleonora Campos da Motta Santos
Rubiane Falkenberg Zancan (orgs.)


Editora
UFPel



PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA EM DANÇA: entre saberes e modos de fazer

Mônica Corrêa de Borba Barboza
Eleonora Campos da Motta Santos
Rubiane Falkenberg Zancan (**orgs.**)

Pelotas, 2024





**Editora
UFPel**

Filiada à ABEU

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Dados de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Leda Lopes - CRB-10/2064

P371 Pedagogia universitária em dança [recurso eletrônico]:
entre saberes e modos de fazer / organização Mônica
Corrêa de Borba Barboza, Eleonora Campos da Motta
Santos e Rubiane Falkenberg – Pelotas : Ed. UFPel, 2024.
283 p.: il.

15,5 MB, eBook (PDF)
ISBN: 978-85-60696-47-5

1. Dança – formação. 2. Pedagogia. 3. Inclusão.
4. Acessibilidade. 5. Sexualidade. I. Barboza, Mônica
Corrêa de Borba, org. II. Santos, Eleonora Campos da
Motta, org. III. Falkenberg, Rubiane, org.

CDD 793.3

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane

Administrativo

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Seção de Produção

Preparação de originais

Eliana Peter Braz

Administrativo

Catálogo

Madelon Schimmelpfennig Lopes

Administrativo

Revisão textual

Anelise Heidrich

Assistente de Revisão

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Projeto gráfico e diagramação

Fernanda Figueredo Alves

Carolina Abukawa (Bolsista)

Coordenação de projeto

Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção

Marisa Helena Gonsalves de Moura

Administrativo

Eliana Peter Braz

Administrativo

Newton Nyamasege Marube

Administrativo

Projeto Gráfico & Capa

Carolina Abukawa

Revisão Textual

Bruno Cardozo Gonçalves (Estagiário)

Descrições das imagens

*DiVerso: um programa de arte acessível
(programa de extensão do curso de Dança
Licenciatura da UFSM)*

A composição, a improvisação e a roda de prosa: artimanhas docentes, charmes e pequenos feitiços

Luciana Paludo

Neste texto buscarei tecer relações entre a atividade docente em dança e as práticas artísticas de criação e composição coreográfica. A inspiração para esta escrita se faz a partir das relações que teço entre as práticas artísticas e docentes, no trabalho de uma vida dedicada à dança.

Quando iniciamos o planejamento para uma atividade docente, existe um bom tempo de preparação e estudo prévios: realizamos uma seleção de materiais, construímos planos de ensino, cronogramas; garimpamos referências que serão interessantes para compartilhar durante o semestre. E quando, enfim, encontramos a turma e conhecemos as pessoas que a irão compor, os redimensionamentos não cessam. É nesse momento que começa, como num processo colaborativo de criação artística, a aventura, as negociações, os acordos que farão parte da construção daqueles conhecimentos e experiências.

Num processo de composição em dança também realizamos alguns estudos prévios, mesmo que o tema da criação ainda não esteja delineado. Se estamos no papel de realizar a mediação, seja na parte coreográfica ou na parte da dramaturgia, também nos imbuímos de garimpar referências para compartilhar durante o processo. Ao encontrarmos o grupo de pessoas que iremos trabalhar, repito o que escrevi acima, os redimensionamentos não cessam. E aí o processo se faz, ganha uma vida própria. No decorrer dos encontros é justamente o conjunto de acontecimentos cotidianos – e a atenção a eles – que delineará a realização da composição e, se for o caso, da obra em dança.

O ano da escrita deste texto é 2021, segundo semestre; escrevo entre os meses de setembro e novembro, entre o prenúncio e a chegada da primavera. Devido à pandemia da covid-19, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), local no qual desenvolvo minhas atividades docentes atualmente, está ainda no primeiro semestre letivo (2021-1), iniciado em agosto deste ano. Então trarei um pouco de minhas sensações, ainda recentes, do tempo que antecedeu o início desse semestre na graduação em Dança.

O início de um semestre, ou de um curso – e mesmo de uma aula única, em algum evento – sempre me coloca em estado de criação, de imaginação e de certa ansiedade. Não paro de pensar em palavras, como se fosse uma coleção delas, para levar às pessoas e apresentar quais os pensamentos, sentimentos, ideias e gestos que estarão a se movimentar em nossos encontros.

Ainda para reiterar as relações que busco desenvolver neste texto, saliento que, ao referir que a atividade docente em dança se assemelha com a atividade artística, em momento algum estou reivindicando essa característica apenas para a dança. O que compartilho aqui são pontos de vista que se delinearam a partir de minhas experiências. Assim, esse texto vem na intenção de compartilhar algumas percepções que venho produzindo, percebendo, trocando e colhendo neste percurso. Espero que docentes e artistas de outras áreas possam tecer suas analogias com as histórias que contarei aqui.

Com este texto também irei evidenciar alguns procedimentos que venho desenvolvendo nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. A composição coreográfica (que também é minha área de concurso) permeia um modo de operar, assim como as práticas de improvisação são recurso e inspiração. Com o tempo, percebi que a prosa, a poesia, o imaginário – naquele fabuloso mundo que vamos criando para metaforizar nossos procedimentos – compõem o charme, ou os pequenos *feitiços* dessa atividade que denominamos docência.

E, aqui, a palavra feitiços é inspirada no livro de Paul Valéry (2020), *Feitiços [Charmes]*. Nessa obra, os tradutores Roberto Zular e Álvaro Faleiros nos dizem da ambiguidade da palavra *Feitiços* e que ela está intrínseca nos poemas que compõem a poética dessa obra do autor. Dos feitiços,

Eles são ao mesmo tempo um “feitio”, algo feito, construído, fabricado, e uma “feitiçaria”, um canto, um encantamento, algo

mágico, imaginário. Ao mesmo tempo um processo ritual que se abre nas mãos, olhos, ouvidos, enfim, nos corpos dos leitores (Zular, Faleiros, 2020, p. 15).

É nesse sentido que proponho pensar as artimanhas da atividade docente, especialmente quando a mesma está relacionada à disciplinas ou a componentes curriculares que versam sobre a composição em dança, sobre a improvisação; ou mesmo, que lancem mão desses recursos e princípios para desenvolverem suas práticas. Para complementar esse pensamento, trarei um dos meus feitiços de agosto de 2021: um texto proseado que, às vezes, parece poema. Escrevi para a primeira aula da disciplina *Estudos em composição coreográfica II*, a qual ministro no Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS. Foi um texto de boas-vindas, para o primeiro dia do primeiro semestre letivo de 2021 – o terceiro semestre no modo Ensino Remoto Emergencial (ERE), que é o modo possível de seguirmos em atividade, desde agosto de 2020. Queria dizer à turma o quanto a composição importa para a formação de uma pessoa que está cursando uma licenciatura, ou para artistas da dança; ou para praticantes da dança. Eis uma parte do feitiço:

Compor é como alongar um músculo
Exercício
Compor em rima, em prosa ou em verso
Compor com o corpo: coreografia e seus correlatos
Duvidar
Abandonar
Juntar partes
Amar!
De repente, sim, amar
O que se faz.
O que se faz?
Cansar do que se faz.
Tédio
Buscar outros...
Corpos
Movimentos
Sentimentos
Dúvida.
Ser outra
Ser outre
Ser outro.
Ser
Compor é estar noutra lugar: o lugar que posso inventar!

Compor é ferramenta para levar pra escola, pra trabalhar com DANÇA ☺

Oba!!

Mas, nem todo mundo gosta.

Então, eu digo, de novo:

Compor é como alongar um músculo

Exercício

Desígnio de quem entrou na dança.

E... e agora?!

Tem que rebolar.

Quem mandou vir dançar?

“O corpo vive e experimenta, aguenta

Torna-se pó, mas, tudo bem

Ainda não é pó, está aqui, assim” (esse trecho é de O corpo é – Lu)

Rebolar é físico

Rebolar é metáfora

Rebolar e ir com o quadril pra lá, pra cá, pra frente e pra trás... Pras diagonais também. Libera a lombar, massageia as tripas e ainda forma vocabulários para eu usar, depois, na composição!

Opa!

Sim!

Corpo que esquenta, corpo que inventa!

Essa frase saiu hoje – 04 de agosto de 2021.

Tô na coxia, tô a algumas horas de mais uma estreia, numa turma nova de composição.

Tô comendo argumento pra dizer pra turma

Pra convidar pro jogo

Pra dizer que podemos inventar

Que coreografias são

Portas

Pontes

Meios de transporte

Jogar em prosa, jogar em verso

Metaforizar a existência

Correlata à atividade de compor

Vida é pura composição!

Quanta improvisação cabe na composição

Inusitados

Tropeços!

Opa

“O tropeço redimensiona o passo...” já disse isso quando escrevi a tese.

O tropeço é quase um tombo, mas, ops, presta atenção:

O tropeço pode nos deixar mais espertas

Espertos

Espertes

Eita mundão, vamos lá pra mais um semestre nos quadradinhos.

E aqui estou, fazendo rimas e descompassos para receber as pessoas.

Pra dizer que compor é só um exercício.

E tá tudo bem.
 Tarefa boa é tarefa feita
 Não precisamos ser incríveis
 Só precisamos ser, ali, aqui!
 Agora!
 Ops,
 “Acabo de não morrer”, que bom!
 Bem vi(n)das!
 Bem vida
 Vida, um bem maior
 VIDA!!!!
 Vamos celebrar e convidar
 Compor é convidar outras pessoas pra partilha
 Em algum momento, sim
 Isso virá
 Será inevitável.
 Tá ali o sentido.
 Tá aqui <3.

Este texto-poema foi escrito em 4 de agosto de 2021, às 10h13min. Foi um *aquecimento de sinapses e de estado de corpo*, de energia; um pequeno feitiço, no sentido valeryano, conforme expus acima. O feitiço foi para mim também; literalmente, esses feitiços se voltaram para a feiticeira, digo, para a professora que, às 17h30min daquele 4 de agosto, encontrou seus alunos para lhes apresentar a disciplina Estudos em composição coreográfica II.

Pois bem, resolvi deixar o texto-poema no modo informal, com os sinais gráficos e as figurinhas que utilizei em sua composição. Essas grafias também fazem parte do seu feitiço, do seu charme. Fiz questão de deixar o registro da hora da escrita e da hora que seria ministrada a aula. É um costume de muito tempo que tenho, o de dedicar um turno para pensar na aula que darei. É como um aquecimento, uma reordenação das *cartas que tenho na manga*.

Trabalho com composição coreográfica há muito tempo e isso vem desde as práticas da minha graduação em Dança (PUC-PR/ Fundação Teatro Guaíra, 1997-1990). Na UFRGS, especificamente, além de ser minha área de concurso, foi motivo e assunto da tese que realizei no Programa de Pós-graduação em Educação (Faced/UFRGS, 2010-2015). São muitas histórias sobre composições coreográficas e sua contribuição na formação em dança; na constituição de uma artista da dança – e no quanto ela traz metáforas para o cotidiano, nos afazeres mais triviais da vida.

A disciplina dos Estudos em composição coreográfica II está na quinta etapa do Curso de Dança da UFRGS; é a última obrigatória, diretamente relacionada à composição. Na minha percepção como docente dessa disciplina, desde 2012, é um grande laboratório, um lugar para inventar e problematizar a criação. Lugar para olhar e exercitar o vocabulário a respeito desse assunto; para criar coragem, arriscar e se desprender. Criar, inventar, compor, reter, abandonar... ESCOLHER. Acolher. Lugar de suspender o juízo, para deixar emergir – nem que isso seja apenas por um momento, no instante inicial que estamos resolvendo uma tarefa, compondo algo.

Sobre a disciplina de Estudos em composição... Pelo fato de eu considerar que é um lugar para exercitar vocabulário [de falas e de movimentos], outro feitiço que sempre lancei mão foi a roda de prosa, rodas de narrar histórias de composições. Essa roda se dá através da oralidade e, agora no ERE, metaforicamente, a partir de aulas síncronas, por plataformas remotas e de uma escrita coletiva, num documento compartilhado entre todas as pessoas da turma. O documento está separado por assuntos: o primeiro assunto se refere ao papel da composição coreográfica para a formação de uma pessoa licencianda em Dança. O segundo assunto é uma discussão sobre improvisação – também realizamos muitas práticas, pelos meios remotos, amparadas pela improvisação. E o terceiro assunto são as considerações finais do semestre. De minha parte, como professora, adoro entrar no documento, na calada da noite, e ler o que as pessoas escrevem: as ideias sobre composição, a forma da escrita, os poemas, as dúvidas. Percebo que estão se encorajando a escrever.

Por uma breve filosofia do ato de *compor em dança*

Compor é um ato eminente de escolha. Essa escolha nos localiza esteticamente em relação ao campo da dança. Assim, toda escolha estética nos situa politicamente; gera um *discurso (in)visível*, o qual é aglutinador de modos de dançar, de pensamentos e de atitudes nas afinidades que se estabelecem no campo da dança. Quer dizer, ao escolher um determinado modo de dançar, sou uma *portadora e condutora* desse discurso. Um repositório ambulante, subliminar, elíptico daquilo que acredito / escolho / formo. Ah, as elipses... Como elas fazem parte da dança, não é mesmo?

Coreografia é uma ordenação espacial e temporal do movimento – com suas respectivas modulações e variações de forças, pesos, tensões e velocidades: elementos que se anunciam em um corpo. O corpo da bailarina, do bailarino, de bailarine, du bailarinu torna o movimento em dança. A composição coreográfica busca criar um nexos entre o tempo, o espaço, o corpo e o movimento – e entre os outros elementos que estão ali, no espaço da cena, no espaço da apreciação, no espaço da cidade. E aí, você que está lendo, pode ampliar esse espaço, em sua imaginação. Sim, até porque não vou *dar tudo* neste texto, não é mesmo? E isso é outro feitiço da professora de composição [aqui] e da compositora de dança [que lhes escreve este texto]: ela costuma propor tarefas que têm muitas lacunas. O que não está escrito, nas proposições dos textos e das tarefas são as brechas para a interlocução, a interação; ali cabem os devidos preenchimentos, de cada pessoa que for tecer relações com a proposta.

Para mim, essas reflexões encontraram eco em todas leituras, observações e vivências do tempo de minha pesquisa de tese. Mas, anterior a isso, às estratégias que a minha prática docente – ao abordar a composição coreográfica – me fez inventar. Antes, ainda, [e, como um fio contínuo de minha existência] nas vivências como artista da dança. Foi a partir das próprias criações que passei a compreender a maneira mais genuína que meu corpo poderia ocupar um espaço e transitar por ele, assim. E aqui estabeleço uma relação estreita entre técnica-poética-estética; não necessariamente nessa ordem.

Foi na averiguação diária, entre o reconhecimento e o extravasamento de minhas possibilidades articulares e emocionais, que a dança começou a se delinear de forma mais contundente em meu corpo. *Coreografar para si é, também, inventar um corpo*. E essas palavras chegaram até mim, ou eu cheguei a elas, como uma conclusão – por verificar que meu modo de dançar se refinava, à medida em que eu me empenhava em compor danças.

E aqui conto toda essa história para incentivar as pessoas a comporem suas danças – outro feitiço. Por isso quis transmitir. E sempre busco dividir as descobertas que fiz – pois elas trouxeram uma alegria de existir e de persistir. Talvez isso seja um ato peculiar, ou, diria, urgente, de uma e qualquer professora de composição. Então, a cada vez que escrevo sobre composição coreográfica, tenho em mente que o texto é muito similar a uma coreografia. O ato de fala é um dos mais *palpáveis* exemplos de improvisação que podemos citar; em analogia, o ato da

escrita seria a coreografia. Porém, a improvisação também pode ser coreografia. E como gosto de falar sobre isso, exercitar isso com as pessoas. A improvisação tem seu charme, tem seu frescor e a coreografia, talvez, tente salvaguardar seu feitiço. Nem sempre é possível. Também, nem sempre é preciso, não é mesmo? Elas são interdependentes e podem, muito bem, operar cada uma no seu campinho. Quando aliadas, essas duas dão muito o que falar, o que dançar, o que observar.

Por se tratar, este, de um documento escrito, não imagino que ele possa ser menos poético que uma invenção com o corpo. Pois que, essa escrita parte de um corpo! Corpo material, atrevido, inquieto, voraz. Que se atira, tanto para o chão quanto para o ar... Que gosta de correr tanto quanto gosta de andar lento; que respira e sente. Gosta de olhar, de jogar com os olhos e a respiração. Aí vem uma prática alquímica, que depois faz o serviço, para que tudo isso se materialize numa ideia espacial / temporal que, corriqueiramente, denominamos COREOGRAFIA.

Nesses tempos de pandemia, trabalhando a partir dos recursos remotos, encontrando as pessoas apenas por dispositivos de transmissão remota de imagem e som, é talvez esperado que possamos nos emaranhar em pensamentos e lembranças. A impossibilidade do encontro, as perdas de tantas pessoas por causa do coronavírus; a maneira pela qual a condução do país está sendo feita por um desgoverno federal, tudo isso tem me colocado a pensar no papel da arte, da educação; da educação pela arte da dança. Modestamente, ainda acredito que temos grandes chances de ajudar a melhorar o mundo, a partir de nossas práticas. A noite tem sido também um momento de muitas reflexões e escritas, de voltar-se a si, mas não de forma narcísica, e sim como revisão de uma vida dedicada ao trabalho com a dança, como ofício. E então volto aos feitiços de Valéry, no poema Fragmentos do Narciso:

[...] E seus corpos se fundem, Águas planas, profundas!
Estou só!... Se os Deuses, os ecos e as ondas
E os suspiros permitirem que o sejamos, sim!
Só!... mas também é quem se aproxima de si
Quando margeia as margens louvando a folhagem...
Dos cimos, o ar já cessa a mais pura pilhagem;
Fala da noite a voz das fontes em mudança;
Uma calma me escuta, onde escuto a esperança,
Ouço a erva das noites que na sombra brota,
E a lua pérfida eleva o seu espelho

Até o fundo segredo da nascente morta...
Até o fundo segredo, que eu temo sabê-lo
Até onde o amor de si mesmo se dobra,
Do silêncio do escuro nada pode fugir...
E a noite meu amor sobre minha carne sopra. [...]
(Valery, 2020, p. 67).

A leitura deste poema foi conduzida pelo texto dos tradutores dessa obra de Valéry, quando no início do livro eles comentam alguns poemas. Sobre esse que acabei de citar, mencionam “A impossibilidade de diferir de si mesmo, de ser alguma coisa diferente do que se é” (Zular; Faleiros, 2020, p 17); falam ainda do “pano de fundo secretamente amoroso de Fragmentos de Narciso”:

Como crítica voraz ao narcisismo que se reconhece apenas na sua imagem invertida ou no som da própria voz, o poema mostra Narciso perdendo-se, contra a sua vontade, na dissonância entre suas capacidades sensíveis, É essa duplicidade, essa dissonância que, como o amor, o tirariam do seu incansável circuito de autorreferência e estabeleceriam um rastro de alteridade (consigo mesmo e com os outros): “Ah! Corpo miserável, é tempo de aliança...” (Zular; Faleiros, 2020, p. 17).

A relação que estabeleci entre o poema Fragmentos de Narciso e as práticas noturnas de pensamento e de escrita que costumo realizar perfazem a aliança entre as atividades docente e artística em minha vida. Escrever faz parte dos feitos, ou, dos feitiços de uma vida, repito, dedicada aos trabalhos com a dança. Escrever é buscar por mais um espaço de partilha. Ao tecermos nossas letras em frases e textos, damos vazão às emoções; são elas que nos conduzem a novas composições. A partir disso vamos organizando as demandas, sejam elas a composição de um Plano de Ensino, ou o esboço de uma coreografia/ um Plano de Composição.

Sempre penso que as coreografias em dança estão continuamente em esboço. Se pudermos dançar uma coreografia em um dia e precisarmos dançá-la novamente nos dias posteriores, teremos os esboços, as experiências em virtualidade nos nossos corpos – o que se fez presente, as defasagens [o que não foi possível surgir]... Todo impulso necessita ressurgir de um corpo ou dos corpos, para que a dança que compõe aquela coreografia se faça novamente; se atualize e se efetive

em tempo e espaço, com o corpo em intermédio. Ah... A escrita, estou aqui me deleitando com os jogos de palavras. Estou *em composição*, nestas palavras.

Os tempos da docência

Estou como professora do ensino superior em Dança desde o ano de 2000, quando iniciei a docência na Universidade de Cruz Alta, no Curso de Licenciatura em Dança; lá, permaneci até o ano de 2008. O meu ingresso nessa atividade se deu muito por conta de minha produção artística. Os oito anos que permaneci na Unicruz foram o tempo exato de duas graduações em Dança. Eu já havia feito a minha na PUC-PR / Fundação Teatro Guaíra (1997-1990). A sensação que tenho desse tempo de Unicruz é que o aprendizado que tive foi tão ou mais intenso daquilo que pude ensinar. Também nesse tempo pude realizar uma especialização em Linguagem e Comunicação (Unicruz, 2001-2003) e um mestrado em Artes Visuais (UFRGS, 2004-2006). No entremeio a esses acontecimentos, além de dar sequência à criação de meus três filhos, pude criar, junto a outras pessoas artistas – discentes e docentes do curso, o Mimese cia de dança-coisa.

O Mimese existe até hoje e é ofertado desde 2016 como um Projeto de Extensão, vinculado ao projeto de Pesquisa sobre Linguagem autoral em dança. O projeto de extensão é um grande laboratório para a pesquisa e muitas das estratégias que surgem ali migram para as atividades de ensino. Assim como as atividades de ensino alimentam a pesquisa, as abordagens nas atividades de extensão e a vida como artista – e as atuações cênicas conferem substrato para as atividades que conduzo. Através do Mimese realizo projetos que convidam a comunidade à participação, por exemplo: as 8 edições de Projeto Luciana Paludo Convida (2016), o espetáculo Ensaio sobre o tempo (2016, 2017), a oficina Todo o corpo pode dançar (2017, 2018); o Projeto Degustação de movimentos com o Mimese (2019, 2020) – e outras tantas atividades, artísticas e pedagógicas que o grupo promoveu nesse tempo.

Entre os anos de 2009 e 2011 trabalhei no Curso de Dança da Ulbra, dois anos com intensos aprendizados. Foi quando gastei um projeto de tese sobre *o lugar da coreografia nos cursos de graduação em Dança do RS*; a pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação (Ppgedu/ UFRGS), entre 2010 e 2015.

O ano de 2010 também seria o ano do concurso público que possibilitou o meu ingresso como docente da UFRGS. Em fevereiro de 2011, começava a jornada que, neste ano, completa seus 10 anos.

Esse breve histórico vem para trazer de forma um pouco mais detalhada esses lugares de docência, nos quais sempre foram possíveis de se pensar a arte – vejo como um grande garimpo que colaborou com a minha construção como artista, como docente e como pesquisadora. Esses lugares que pude habitar para exercer o trabalho com a dança têm um papel fundamental no que pude delinear como metodologia de trabalho ou modos de trabalhar. Ou, ainda, *maneiras de convidar as pessoas para a dança*. Vale ressaltar que a experiência docente começou cedo, aos 14 anos dava aulas de balé para crianças. Aos 16, decidi cursar a graduação em Dança e, após o Bacharelado (1989), fiz a Licenciatura (1990). De 1992 a 2000 morei em São Luiz Gonzaga e tive uma escola de Dança, o Balé do INSA e lá começa, sim, intensamente, a dedicação exclusiva para o trabalho com a dança.

É nesse período que a atividade de compor coreografias começa a se delinear com maior vigor, e isso me transportou aos outros lugares já mencionados. Outro detalhe é que, inicialmente, para veicular os experimentos coreográficos, percorri diversos festivais de dança como bailarina e ganhei reconhecimento desses lugares. Depois, passei a trabalhar como professora e jurada – atividades que ainda exerço, quando sou convidada e que muito me alegra, pois encontro muitas pessoas.

Hoje, além da composição coreográfica, também ministro aulas de técnicas de dança – o que sempre foi a minha especialidade, diga-se. O entrelaçamento dessas duas funções foi se formando, quando comecei a perceber que os cuidados com o corpo, no momento da aula: a respiração, o aguçar da propriocepção, a insistência generosa eram estratégias riquíssimas de inventar movimentos para dançar e compor. Daí, acredito, surgiu o gosto ou a urgência de organizar esses movimentos em coreografias. E é desse gosto que nasce a alegria de propor o jogo: evidenciar para outras pessoas que estão na lida da dança que a composição e a improvisação, praticadas diariamente e aliadas ao trabalho de preparação corporal para a dança, são os pequenos feitiços que nos levam a tecer relações com o mundo.

Ah essa noção de mundo... Parece ampla né? Mas aqui compreendo o *mundo* como os lugares que habitamos na sociedade, as pessoas com quem,

cotidianamente, temos a possibilidade de estar, em situações diversas, para trabalhar – no campo de trabalho do setor da dança, sempre em relação ao campo social. O *mundo da dança*, a cadeia produtiva da dança, as teias de relações, as tensões e os acordos entre os pares. Encaminho o texto para o seu final pensando que todo o trabalho em e com a dança ganha uma dimensão política e social, portanto, histórica, se estivermos observando as relações entre os diversos segmentos que a constituem em nosso tempo. Fica o convite para continuarmos a acolchoar relações entre práticas docentes, práticas artísticas, práticas de pesquisa, práticas dos encontros. Para observarmos as nossas artimanhas e feitiços: nossas composições diárias que tornam possíveis que as teias da dança se expandam, cada vez mais, para outros setores da sociedade.

E sobre a improvisação, que está no título deste texto, bem... Depois de quase dois anos de trabalho remoto, devido à pandemia da covid-19, acredito que todos esses feitiços nasceram de ímpetos de improvisação. Sim, acho que é o mesmo lugar do corpo que me leva a dançar. Tenho composto muitas organizações de palavras, em metáforas, as quais têm ajudado a tocar as pessoas, de longe, a partir das aulas remotas. Então, observei que as palavras saem de improviso, numa espécie de *repente docente*. E aqui acho graça desse jogo inusitado de palavras. Percebo que as pessoas se afeiçoam a alguns termos e passo a compor um *glosário de incentivos*.

Tudo isso pois tenho a certeza de que a dança ajudará a libertar este futuro, que está aprisionado, ainda. Acredito que as nossas estratégias, entre a arte, a composição, a improvisação, o trabalho em roda, as escritas coletivas poderão organizar outros feitos, outros modos de tocar outras e outras pessoas por aí: em escolas, em palcos, em praças. Em praias, areias... Movediças, sim, mas, confiamos na “esperança equilibrista, que sabe que o show de todo artista tem que continuar”. Termino com uma citação de canção célebre, composta por João Bosco e Aldir Blanc, que Elis Regina eternizou em nossos corações, para que você que está lendo esse texto possa acessar o link lá nas referências e sair cantando, dançando de maneira improvisada, para delinear, também, esperanças e outras danças.

Referências

BOSCO, João, BLANC, Aldir, Costa, Elis Regina C. *O bêbado e a equilibrista*. 1 vídeo (3 min 50 s). Publicado pelo canal Elis Vive em 10 set. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xZNX1o3UuwI&ab_channel=%23Elis-Vive. Acesso em: 24 abr. 2023.

VALÉRY, Paul. *Feitiços: [Charmes]*. São Paulo: Iluminuras, 2020.

ZULAR, Roberto; FALEIROS, Álvaro. *Visita guiada aos feitiços de Valéry*. In: VALÉRY, Paul. *Feitiços: [Charmes]*. São Paulo: Iluminuras, 2020.